



SAÚDE MENTAL DAS FAMÍLIAS DAS VÍTIMAS DA DITADURA MILITAR: UM OLHAR SENSÍVEL

MENTAL HEALTH OF THE FAMILIES OF THE VICTIMS OF THE MILITARY DICTATORSHIP: A SENSITIVE LOOK

Emanuelli Resende Kaiser¹

Gabriella Pereira Chaves¹

Hemily Rosa Fontelis¹

Maria Júlia Bernardes Pereira¹

Ranielli Silva Araújo¹

Eleno Marques de Araújo²

Resumo: No decorrer deste trabalho abordaram-se algumas questões entorno do impacto psicológico sofrido pelos familiares das vítimas da ditadura militar ocorrida no Brasil entre os anos 1964 e 1985, dispoendo como referência a obra cinematográfica brasileira “Ainda Estou Aqui” (2024) dirigida por Walter Salles, inspirado na obra literária de mesmo título do autor Marcelo Rubens Paiva. Discutiram-se como o longa-metragem apresenta uma narrativa sensível e introspectiva, baseado em fatos reais, explora o sofrimento psíquico do luto, do trauma e da resiliência. Neste estudo temos como objetivo, promover discussões acerca dos efeitos mentais sofridos pelas famílias das vítimas do período ditatorial e da violação dos direitos humanos ocorridos nesta época, além de contribuir com a comunidade com uma visão humanista dos acontecimentos.

Palavras-chave: Impacto psicológico. Ditadura Militar. Ainda Estou Aqui. Direitos Humanos. Familiares.

Abstract: In the course of this work, some issues were addressed around the psychological impact suffered by the families of the victims of the military dictatorship that took place in Brazil between 1964 and 1985, using as a reference the Brazilian cinematographic work "Ainda Sou Aqui" (2024) directed by Walter Salles, inspired by the literary work of the same title by the author Marcelo Rubens Paiva. It discussed how the feature film presents a sensitive and

¹ Acadêmicas do primeiro período do curso de psicologia da UNIFIMES, emanueliresendekaiser@gmail.com

² Professor Titular da UNIFIMES. profelenoaraujo@outlook.com



introspective narrative, based on real events, explores the psychic suffering of grief, trauma and resilience. In this study we aim to promote discussions about the mental effects suffered by the families of the victims of the dictatorial period and the violation of human rights that occurred at that time, in addition to contributing to the community with a humanist view of the events.

Keywords: Psychological impact. Military Dictatorship. I'm still here. Human rights. Family.

INTRODUÇÃO

Dirigido pelo produtor e diretor Walter Salles, o filme “Ainda Estou Aqui” (2024) é um drama baseado na história real de Maria Lucrecia Eunice Facciolla Paiva e sua família, que enfrentaram a repressão do período ditatorial brasileiro. O enredo gira em torno do desaparecimento de Rubens Paiva, um deputado socialista capturado pelo regime militar nos anos 1970. Na obra, a matriarca lida com as incertezas, a dor da perda e a necessidade de seguir em frente, enquanto busca justiça e luta pela preservação da memória de sua parentela, que assim como outras, tiveram os seus direitos negados e violados pelo autoritarismo militar, o qual dominou e controlou o país durante 21 anos, de 1964 a 1985. Neste cenário, não apenas a família Paiva, mas também toda a sociedade brasileira adquiriam diversos traumas e problemas psicológicos além do luto ambíguo pela perda de seus entes queridos. Diante disto, este exposto tem como o objetivo refletir e abordar os sofrimentos causados pelas consequências da ditadura militar, sendo eles o luto ambíguo das famílias das vítimas, as violações de direitos humanos e os impactos mentais causados por esse período.

METODOLOGIA

Este trabalho utilizou como metodologia pesquisas qualitativas de natureza bibliográfica realizadas com base nos dados de artigos científicos publicados recentemente no Google Acadêmico e Scielo. Teve também como referência a revisão cinematográfica da obra “Ainda Estou Aqui”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No âmbito psicológico, o psicanalista Sigmund Freud, destaca em seu artigo “Luto e Melancolia” (1917), como a dor do luto, seja de um ente querido ou objeto de afeto, é um



processo psíquico essencial para que o ser humano em frente a dor da perda e reconheça a ausência do que lhe foi tirado. Permitindo, assim, que o sujeito direcione esta energia psíquica a outros vínculos e interesses. O longa-metragem ilustra as dificuldades de aceitação do processo de luto enfrentadas pelas famílias devido à ausência de informações concretas de seus familiares desaparecidos e a impunidade dos culpados, mantendo-os em um sofrimento psicológico contínuo devido à privação de justiça e de um funeral.

O conceito de luto ambíguo é central na experiência de Eunice Paiva. Diferente do luto tradicional, em que há uma confirmação da morte, ela lida constantemente com a incerteza do destino de seu marido. Esse tipo de luto gera uma angústia profunda, pois o cérebro busca constantemente respostas para algo que não se tem certeza. Semelhantemente, como nas questões descritas no texto freudiano, enquanto o estado melancólico levou grandes parentelas a lidarem com suas perdas de maneira paralisante, outras, assim como a família de Rubens Paiva, fizeram-nos recorrer à luta pela justiça e resistência da omissão estatal.

O impacto na saúde mental dos familiares possui dimensões profundas e multifacetadas além do luto. Os traumas enfrentados por estes grupos indicam frequentemente a presença de sofrimentos psíquicos como a depressão, ansiedade e o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Consequentemente, também apresentam o temor de assédios e represálias, gerando um estado emocional de insegurança referente às instituições oficiais, tal qual os incentiva a se isolarem, dificultando as possibilidades de buscarem apoio social e auxílio psicológico.

O trauma não afeta apenas a geração que o vivencia diretamente. O conceito de trauma transgeracional, sugere que os impactos do sofrimento das famílias das vítimas podem ser transmitidos aos descendentes, devido à forma com a qual lidavam com seus medos, lembranças e inseguranças. No filme, isso se reflete na relação de Eunice Paiva com seus filhos, que também carregam o peso da perda e da injustiça.

A ausência da responsabilização dos autores das ações contra as vítimas, a falta de justiça e honestidade estatal, contribuem juntamente para a perpetuação desse trauma na vida das famílias.

A ditadura militar se caracterizou pela repressão e o poder abusivo das Forças Armadas, gerando ações que infringiram questões fundamentais dos direitos humanos garantidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. As violações mais evidentes incluem o desaparecimento de civis, execuções, torturas físicas e psicológicas, censura à liberdade de expressão e opressões contra movimentos políticos contrários. Essas transgressões configuraram o descumprimento dos princípios fundamentais dos direitos à vida, dignidade, liberdade, segurança pessoal e integridade física e moral.



Para os aspectos psicológicos, a importância da movimentação pela preservação da memória e da identidade dos familiares mortos e desaparecidos busca romper o ciclo do trauma transgeracional. Em 2011, com o objetivo de investigar as violações dos direitos humanos ocorridos durante o regime militar, o governo brasileiro criou a Comissão Nacional da Verdade para analisarem os desaparecimentos, mortes e torturas infligidas à população, dando um passo importante no esclarecimento dos crimes ocorridos neste período, proporcionando a oportunidade de diálogo sobre os impactos transgeracionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o texto aborda o processo de luto que as famílias das vítimas tiveram que enfrentar e os impactos psicológicos causados em decorrência da ausência de informações concretas sobre o paradeiro de seus entes queridos. A obra cinematográfica analisada evidencia como estes processos prolongam o sofrimento psicológico desses familiares, resultando em traumas emocionais que podem ser transmitidos entre gerações. Diante do exposto, admitir os efeitos psíquicos causados pelos crimes ocorridos durante o período ditatorial militar brasileiro, é uma das ações fundamentais para promover o rompimento do ciclo de sofrimento e possibilitar que as famílias entrem em processo de cura, seja no seu individual ou no coletivo.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. 14. P. 249–276.

BOSS, Pauline. **Ambiguous Loss: Learning to Live with Unresolved Grief**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

MARIANO, M. L. M. et al. **Luto, tabu e ambivalência afetiva: a experiência de sofrimento no psíquico e na cultura**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 157-174, mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/xyQcmPNyMCYXdPHNfgbZWPq>. Acesso em: 09 maio 2025.

INSTITUTO DE CLÍNICA PSICANALÍTICA DE BRASÍLIA – ICPB. **A Psicanálise e o Luto: Compreendendo a perda sob uma perspectiva psicanalítica**. Disponível em: <https://icpb.com.br/publicacoes/138>. Acesso em: 09 maio 2025.

SALLES, Walter (Diretor). **Ainda Estou Aqui [filme]**. Brasil: O2 Filmes, 2024. Inspirado na obra de MARCELO RUBENS PAIVA.



PAIVA, Marcelo Rubens. **Ainda Estou Aqui**. São Paulo: Alfaguara, 2015.

BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948. Disponível em: <https://www.ohchr.org/pt/universal-declaration-of-human-rights>. Acesso em: 09 maio 2025.

BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade – Relatório Final**. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <https://cnv.memoriasreveladas.gov.br>. Acesso em: 09 maio 2025.